

A China Colonial: Vozes Da Diáspora Uigur

Chiara Olivieri ¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir, de uma perspectiva decolonial, e a partir das histórias de vida das comunidades uigures exiladas, sobre os mecanismos de colonialidade do poder, do conhecimento e do ser e da apropriação de recursos naturais e humanos que o governo central da República Popular da China (RPC) se aplica à Região Autônoma Uigur de Xinjiang (XUAR). Através de uma problematização das categorias impostas, tentaremos refletir sobre as políticas subalternizantes do governo do Partido Comunista Chinês (PCC) na RPC, investigando suas origens num nível historiográfico e ideológico, enfatizando a natureza colonial e extrativista de algumas medidas invisíveis e proibicionistas em relação às características de identidade do povo uigur. As histórias dos sobreviventes são construídas em torno de eixos que nutrem não apenas um espaço acadêmico, mas constituem sua própria entidade neste estudo: a migração é entendida a partir de um conceito de corpos com sentimentos e emoções, subalternizados pelo sistema; a violência que esses corpos recebem, religião, morte, adquirem aqui uma dimensão física e ontológica que se reflete em todas as histórias de vida, nos olhares e cicatrizes das pessoas entrevistadas, em suas vozes e lágrimas.

Palavras-chave: China; Xinjiang; uigures; pensamento decolonial; história oral.

¹ Doctora em Estudios Migratorios, Grupo de Pesquisa STAND-HUM 952, Universidad de Granada, España. Orcid – 0000-0003-1482-3748. olivieric@ugr.es

“OUTRAS” ÁSIAS²

A Ásia³ é uma entidade metageográfica com dimensões territoriais, históricas, políticas, culturais, econômicas, legais e estratégicas que foram manipuladas criativamente para fins geopolíticos e ideológicos ao longo da história (Millward 2018).

Embora o nome "Ásia" deriva da antiguidade grega —no trabalho de historiadores e geógrafos como Heródoto, Estrabão, Plínio e Ptolomeu—, era usado exclusivamente para referir-se aos territórios da Anatólia e do Império Persa. O cristianismo medieval, herdeiro dessa tradição clássica, estabelece uma linha divisória imaginária entre sua idéia de "eu" e o mundo “outro”, sombrio e fantástico representado pela Ásia. Civilizações que, ao mesmo tempo, floresceram no que hoje é definido como Ásia, mapearam seus territórios sem que o termo Ásia aparecer em nenhuma de suas fontes. *Sin* —China—, *Hind* —Índia—, esses termos definiram fronteiras espaciais e imaginárias, indicando lugares reais ou os limites do mundo conhecidos por viajantes e intelectuais da época. A Ásia prevalece na imaginação europeia como um lugar real a ser conquistado e, ao mesmo tempo, um espaço fantástico e onírico. Esses conceitos não estavam ligados a um espaço fixo e imóvel, mas se referiam a uma geopolítica de dominação, uma hegemonia que se aplica às esferas cultural e linguística, econômica e institucional.

Incluir sob um único nome as regiões que hoje compõem a Ásia geopolítica —cujas fronteiras foram convencionalmente estabelecidas nas montanhas Ural e no rio Ural no oeste e até o Oceano Pacífico a leste, e no Oceano Ártico ao norte, no oceano Índico, ao sul, e abrangem 49 países reconhecidos oficialmente pelas Nações Unidas (ONU)— reflete um modelo de classificação eurocêntrica, em sua dimensão direcional oeste-leste, que promove a produção e disseminação de mapas e estudos de notável precisão pelos atores externo, cujos interesses são fixados em fronteiras determinadas e convencionais; os mapas são configurados como uma ferramenta fundamental das narrativas de pertença/anexação de identidade que fazem parte das estratégias de controle e envio; eles criam uma imagem de unidade/homogeneidade, fundamental para manter hierarquias de poder que não levam em conta os regionalismos e particularidades históricas e identitárias dos diferentes territórios; ao mesmo tempo, subestimam e tornam invisíveis as conexões fundamentais e as contínuas trocas supra e intra-regionais afro-eurasianas —como é o caso das rotas da seda; Em resumo, estabelecem uma separação ontológica - derivada da convenção geográfica - entre comunidades, a partir de um discurso acadêmico com evidentes conseqüências políticas e sociais; partem de um orçamento incorreto que

¹ Peguei emprestado o título do trabalho de Spivak Spivak, G. C. (2001). *Other Asias*. Oxford, Blackwell Publishing..

² Esta definição de Ásia foi inicialmente levantada em uma entrada para o *Dicionário Alice*. (Olivieri 2019)

causou um conhecimento parcial e instrumental de um território que ocupa 8,7% da superfície total da terra.

A pós-colonialidade e as independências nacionais apresentaram a enorme necessidade de repensar a Ásia em toda a sua complexidade política e cultural e de lançar projetos —como o proposto na Conferência de Bandung (1955)— que promovem uma unidade supranacional respeitosa das pluralidades. Os geo-esquemas (Millward 2018) propostos pela ONU, que distribuem os diferentes estados-nações asiáticos em regiões e sub-regiões para fins estatísticos, longe de participarem da construção de uma visão plural e diversificada, perpetuam uma divisão restrita do território, atribuindo-o a cada um deles características homogeneizadoras —religiosas, econômicas, políticas etc.

Restaurar os laços de ligação entre a Europa, Ásia e África —ou seja, reviver os geo-esquemas antigos de uma perspectiva neocolonial— é um dos projetos realizados nos últimos anos pela República Popular da China (RPC), que aparentemente propõe um plano de desenvolvimento econômico supranacional em escala intercontinental, com o objetivo de reavivar contatos e trocas culturais, humanas e mercantis, o que subjaz à imposição de seu modelo econômico e cultural nas regiões afetadas, sobre as quais medidas extrativistas de recursos naturais, com consequências subalternizantes para as identidades e populações envolvidas no plano.

O desafio das Ciências Sociais e Humanas, pelo contrário, é localizar e particularizar o conhecimento, multiplicar os autores, exaltar o conhecimento das diferentes Ásias e não a respeito delas, e promover o projeto não geoesquemático e não competitivo com outros atores, mas de diálogo constante e horizontal entre eles.

COLONIALISMO E/OU ESTADO-NAÇÃOOCENTRISMO

Se por "colonialismo" queremos dizer uma prática antiga de conquista, usurpação e subalternização; se não queremos cair no que o historiador do imperialismo Bernard Porter chama de 'falácia da água salgada', a idéia de que a conquista só se torna imperialismo quando atravessa a água salgada (Chomsky 2016); e se analisarmos a história da região na qual o ponto de partida desta pesquisa está localizado a partir dos eixos expostos por Steinmetz (2014)⁴, esta é, alternativamente nos últimos dois séculos e continuamente a partir de 1949, uma história colonial.

“(1) capitalism; (2) geopolitics, war, and violence; (3) cultural representations and subjectivity; (4) resistance and collaboration by the colonized; (5) institutional dimensions of empires and colonies; and (6) conflict and compromise among colonizers at the heart of colonial states”.

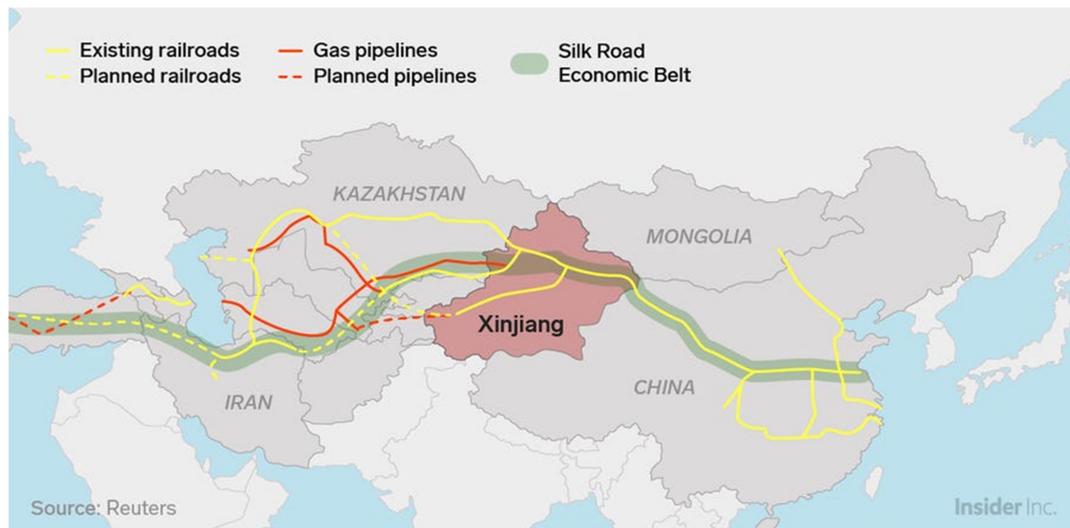


Figura 1. Localização da XUAR e sua importância geoestratégica. Fonte: Business insider. *This map shows a trillion-dollar reason why china is oppressing more than a million muslims* 2019 Feb 23 [cited 2020 Aug 11]. Available from: <https://www.businessinsider.com/map-explains-china-crackdown-on-uighur-muslims-in-xinjiang-2019-2?IR=T>

Xinjiang significa, em chinês, "Nova Fronteira". O Reino Uigur independente do Turquestão Oriental, o nome geográfico da região, o Reino Seyyid, também conhecido como reino Yarkent, foi invadido pelos governantes manchus da China em 1759, quando se tornou parte das fronteiras nacionais da dinastia Qing (1644-1912). Por mais de um século, uma colônia militar foi estabelecida no território, como um método imperial para manter o controle sobre ele, o que gerou mais de quarenta tentativas de rebelião pelas populações indígenas; destas, a revolta de 1864 foi bem-sucedida, permitindo o estabelecimento do estado independente de Yetteshahar, embora anos de conflito armado contra as tropas de Manchu tenham causado sua capitulação e anexação formal sob o nome de Xinjiang, em 1884. Com a queda da dinastia, e durante os turbulentos anos de guerra civil que caracterizaram a primeira metade do século XX, dois dos problemas com os quais o corpo político chinês, como um legado do legado Qing, teve que lidar, são a questão da fronteira —*bianjiang wenti*— isto é, o desafio de mapear, colonizar e incorporar politicamente os milhares de quilômetros quadrados de fronteira remota e desolada que agora formaram a linha de frente na luta para defender a soberania territorial da nação, e a questão nacional —*minzu wenti*—, que é a tarefa de identificar, classificar e assimilar os vinte ou quarenta milhões de indígenas da fronteira em uma única identidade nacional (Leibold 2007).

Sob a orientação do Comintern, a coalizão Partido Nacionalista/*Guomindang* (GMD) - Partido Comunista Chinês (PCC) teve que enfrentar um duplo desafio nos primeiros anos da República: proteger o geocorpo formado durante a era Qing de ameaças provenientes do exterior —isto é, das visões expansionistas das potências coloniais—, bem como das reivindicações

secessionistas/descentralizadoras dos diferentes senhores da guerra e líderes locais —que levaram em duas ocasiões, em 1933 e 1944, à formação de um estado independente em parte do território do que hoje é Xuar, a Primeira e Segunda República do Turquestão Oriental. Assim, desde o início, os discursos sobre o direito à autodeterminação das cidades fronteiriças proferidas e oficializadas por Sun Yat-sen (1886-1925) e seu ambiente têm oscilado na medida em que essa autodeterminação teve que ser posta em prática. prática pelas autoridades locais. Por fim, apesar das tentativas soviéticas de moldar a política chinesa de acordo com suas regras, a autodeterminação das minorias - um termo usado instrumentalmente para estabelecer uma hierarquia com toda a nação estava sujeita aos tempos e necessidades do *Zhonghua minzu*⁵ e aos projetos políticos daqueles encarregados de protegê-lo contra ameaças externas. A revolução e a defesa do território, portanto, devem preceder qualquer reivindicação autodeterminada das periferias de Xuar, bem como da Mongólia, Sichuan e Tibet e suas minorias.

Quando entraram e ocuparam o Turquestão Oriental, mataram nossos líderes, os líderes uigures, e ninguém poderia escapar da China, como o Dalai Lama, por exemplo. O Dalai Lama fugiu da China e se refugiou na Índia com milhares de pessoas, e todos os membros de seu gabinete, tesoureiros, tudo. [...] Nos anos sessenta, ele já começou a promover sua causa, enviou pessoas para a Europa, viajou para a própria Europa, para os Estados Unidos para promover sua causa. O Dalai Lama ocupa um lugar especial, ele é um líder espiritual para os budistas; Portanto, existem grandes diferenças. Os líderes uigures foram mortos pelos chineses, em 1944, em 1949. E o que aconteceu foi que eles fecharam as fronteiras e não deixaram ninguém sair do país. Tornou-se uma terra bloqueada. Ninguém poderia sair, ninguém poderia dizer o que estava acontecendo (Entrevistado 1, notas de campo).

Após a fundação da República Popular da China, em 1 de outubro de 1949, os mecanismos utilizados pelo PCC e seu líder Mao Zedong (1893-1976) para manter sua soberania em todo o território nacional estão intimamente ligados aos diferentes momentos que caracterizaram as relações sino-soviéticas, bem como o reajuste político interno à China —e o difícil equilíbrio entre GMD, PCC, autoridades locais e senhores da guerra. As opiniões soviéticas foram aplicadas alternadamente na China, dependendo da força unificadora que eles poderiam demonstrar na prática. Ao mesmo tempo, é essencial destacar o propósito utilitário —e não altruísta ou ideológico— da interferência soviética na política "interna" chinesa. As populações fronteiriças são levadas a se tornar parte de um discurso de identidade nacional através da inclusão deles num "nós" funcional para manter o controle sobre seus territórios, projetando um fetiche de "inimigo", alternadamente encarnado por ameaças colonialistas imperialistas e o antigo regime. O princípio da autodeterminação dos povos, que levou à fragmentação de outros impérios em direção ao status mais "moderno" de um Estado-Nação, na China tem sido usado estrategicamente para manter as fronteiras nacionais invadidas na transição do governo Qing para a República, através da "invenção" de narrativas e discursos unitários que protegeram o *totum* da

⁵ "Nacionalidade chinesa".

China contra interferências externas e demandas autonomistas internas —“*there is an alternative model of nation building that can be fashioned, or more precisely hegemonically negotiated, from above by a transformative and totalitarian state complex*” (Leibold 2007, p. 178). Em suma, a China acaba sendo o resultado de uma série de narrativas de construção de estados que se baseiam em um passado imperial fortemente burocrático, transformado em um estado centralizado através de discursos “cientificamente irrefutáveis” e da construção de uma imagem —de dentro e ampliada por estudos euro-americanos—, monolítica e imóvel, que consegue fossilizar e homogeneizar a diversidade em um bloco unitário. Tudo isso, através do que Leibold (2007) define a “*ability to rapidly overwhelm and forcefully colonize the far-flung borderlands*” da comunidade política sínica (181), incluindo as populações minoritárias em um amplo imaginário de *Zhonghua minzu*⁶ com o objetivo claro de explorar os recursos naturais de suas terras, essenciais para o desenvolvimento do Estado. A ideologia, então, raramente se materializa nas políticas estatais, independentemente das cores ou bandeiras que ambas as forças políticas contestam.

Neste ponto, é necessária uma precisão terminológica: vou me referir, ao longo deste estudo, à Região Autônoma Uigur de Xinjiang —como é oficialmente chamada com a fundação da RPC— com o acrônimo de seu nome anglo-saxão XUAR —*Xinjiang Uyghur Autonomous Region*— quando me refiro ao território geopolítico estabelecido e formado pela RPC: vou me referir ao XUAR quando citar questões relacionadas às políticas impostas pelo Estado Central nesse território —ou seja, quando detalhar situações que envolvam uma relação entre a região e a RPC. Eu escolhi usar uma abreviação, em vez de usar o termo Xinjiang, para destacar a “autonomia” oficial —e não real— da região, bem como o reconhecimento de sua “pertença” ao povo uigur;

Eles reconhecem oficialmente que a terra pertence ao povo uigur. Região "autônoma" dos uigures. Na realidade, eles nunca concederam autonomia, mas nas escrituras, na lei, legalmente, reconhecem que essa terra pertence aos uigures. Desde Mao, Mao Zedong, nos anos cinquenta ... Naquela época, a China não era poderosa, era um país fraco, precisava de apoio, não tanto internacional, mas sobretudo soviético. Além disso, os comunistas precisavam do apoio de moradores locais, como os uigures, mongóis e minorias. É por isso que a China reconhece a "autonomia" da região. ... [A lei regional da autonomia] é perfeita. Você lê e diz "oh, isso é bom"; mas, na realidade, não há autonomia, é claro. Você não pode discutir nenhuma questão autônoma, ou seja, você pode apenas dizer "sim, a lei está boa", mas se você der alguma opinião ... se você mostrar alguma crítica, a qualquer momento, talvez você se torne um terrorista, ou coisas assim, quem sabe, ou um separatista (Entrevistado 2, notas de campo).

Por trás da premissa historiográfica que acaba de ser feita, a matriz colonial e moderna de XUAR aparece com evidente clareza. Esse processo implica uma série de consequências no nível da conceituação de espaço, tempo e individualidades: para construir o XUAR como parte integrante e indissolúvel do Estado-Nação Chinês, é necessário estabelecer discursos que localizem a região, com fronteiras estabelecidas, dentro dos limites —narrados como inclusivos— da "China" —espaço— ao

⁶ “Nacionalidade china”.

longo de "toda a história" —tempo— e incorporar os povos indígenas dentro de um povo chinês também inclusivo —individualidades. A construção mútua das entidades colonizadoras/colonizadas também reflete aparelhos coloniais que automaticamente colocam uma dessas duas entidades em uma posição ontológica subordinada/rebelde, favorecendo seu estabelecimento como um setor problemático e, portanto, necessitando de orientação. e monitoramento pelo outro.

*Le frontiere sono state e sono in primo luogo questo: luoghi della divisione e della contrapposizione, luoghi di uomini che stanno di fronte, ognuno dei quali vigila l'altro. Stare di fronte vuol dire guardare, sorvegliare, non dare le spalle. Le spalle si danno soltanto a coloro di cui ci si fida e che non hanno bisogno di essere seguiti con lo sguardo*⁷ (Cassano 2005, p.51-52).

A colonialidade do poder, do conhecimento e do ser materializa-se aqui em um cenário em que o setor dominante —o poder— estabelece como o "problemático" deve se pensar —saber— como tal —ser. A percepção da situação no XUAR deve aparecer refletindo as instabilidades e os problemas que o setor dominante precisa para manter sua superioridade. Para fazer isso, tornar invisível a(s) história(s) indígena(s), —mesmo através da destruição física das representações que essa história (Thum 2014)(Harris 2019)— torna-se uma tarefa indispensável para reescrever uma realidade que legitima os projetos assimilacionistas e vampíricos de um Estado-Nação construído *acima* da diversidade.

*La politica contemporanea è questo devastante experimentum linguae, che disarticola e svuota su tutto il pianeta tradizioni e credenze, ideologie e religioni, identità e comunità*⁸ (Agamben 1990, p. 56-57).

A colonização do imaginário posta em prática pela RPC representa mais um produto do paradigma cultural dominante: aquele em que o Estado-nação é relatado como um projeto emancipatório e democratizante, e que, por outro lado, ainda é mais uma consequência do Sistema mundial "do norte-moderno/colonial" em que vivemos.

CATÁSTROFES PERIFÉRICAS

A colonialidade gera a construção de uma periferia como um "setor problemático", no caso do XUAR, que transcende fatores geográficos, e se inscreve em uma estrutura ontológica e epistemológica mais profunda. A periferalização, entendida como subalternização —na forma de folclorização,

⁷ “As fronteiras foram e são em primeiro lugar isso: lugares de divisões e oposição, de confronto de homens, cada um olhando um para o outro. Ficar na frente significa olhar, observar, não virar as costas. As costas são dadas apenas para aqueles que são confiáveis e que não precisam ser vigiados com os olhos”.

⁸ “A política contemporânea é esse devastador *experimentum linguae*, que desarticula e esvazia tradições e crenças, ideologias e religiões, identidades e comunidades em todo o planeta”.

primitivização, orientalização— dos indivíduos que compõem essa periferia, materializa-se no exercício de um sadismo assassino —violência— nos sujeitos envolvidos. O XUAR hoje é o resultado de décadas de violência estatal perpetrada e percebida —sob preceitos institucionais/institucionalizados— por razões de natureza diversa, incluindo religiosa, linguística, política, etc., e que, no entanto, podem ser classificadas, de forma intercambiável, como violência indiscriminada contra a dissidência. A luta — civil e armada— pela libertação nacional, um processo popular e intelectual que aposta no desenvolvimento de uma cultura nacional "Condição de desenvolvimento da luta" (Cabral 2011, p.371), é classificada como terrorismo, fanatismo como resultado da ignorância que reflete um processo elitista que explora as classes populares, de modo que a violência institucionalizada, quando usada para erradicá-la, ganha legitimidade e alimenta discursos falaciosos centrados no estado, bem como as histórias com as quais a população está imbuída.

Não há como protestar. Se você faz isso timidamente, se vai à rua para protestar, eles colocam uma bala na sua cabeça. Ou eles simplesmente acusam você de terrorismo. Ninguém se importa se você é. Se você escreve algo para protestar, eles o condenam, como Ilham Tohti. Ilham Tohti não fez nada. E eles o chamam de terrorista. E eles colocaram uma sentença para a vida. Então, se você protesta pacificamente, sabe, se sai pela rua pacificamente, escreve algo on-line, eles apenas o colocam por vinte, trinta ... ou para sempre. E se você usa uma faca ou algo assim, para protestar, você é morto a tiros como terrorista instantaneamente (Entrevistado 3, notas de campo).

A lógica da colonialidade, portanto, ensina a dominar, através de processos parciais e não desinteressados de construção subalternizante e separações ontológicas, com o objetivo de continuar cometendo apropriações, violações e saques —físicos e metafísicos.

Às vezes você também odeia seu próprio pai. "Por que meu pai é uma pessoa má?"; Você não sabe por que ele estava preso por razões políticas, mas muitas vezes fiquei com muita raiva de meu pai ... Todos nós tivemos um cérebro lavado, eu tive um cérebro lavado. Eles disseram "Mao é ótimo", "o Partido é ótimo", por que meu pai faria algo contra o regime? (Entrevistado 4, notas de campo).

Espaço, tempo e individualidades, então, mais uma vez, sofrem uma série de catástrofes programáticas sócio-ecológicas —colonização—, físicas — violência— e metafísicas — epistemicídios— que sustentam a necessidade de revelar a natureza construída de uma periferia ontológica —não (apenas) geográfica— como sujeito subordinado dominado, graças à sua conceituação como setor problemático e, portanto, a ser controlado.

A luta e a identidade das pessoas que —forçada ou voluntariamente— abandonaram sua *Ana Yurt*⁹ se materializam de um exterior em que a experiência nacionalista —grupala e coletiva— lida com a experiência privada e solitária de não pertencer, de exílio, estabelecendo entre eles a mesma relação direta de mestre-servo hegeliano (Said 2002, p.140). Embora o exílio possa ser facilmente considerado uma “*condition legislated to deny dignity —to deny an identity to people*” (Said 2002, p.139), por outro lado, no nosso caso, praticamente se torna a única sobrevivência para pessoas procuradas e acusadas pelo governo. O nacionalismo totalitário da RPC provoca, entre outras consequências, a urgência dos exilados de se reconstruir como pessoas e indivíduos, lidando também com os sentimentos de rejeição e isolamento, devido às subseqüentes separações dicotômicas “nós/estrangeiros” que, em muitos casos, estão sujeitos a sofrer no lugar de chegada.

*partire non per fuggire ma avendo confidenza con il nostos (ritorno), ma anche il suo contrario, l'essere altrove quando si è a casa, [...] una malattia, la possibile soluzione, questa grammatica doppia e antinamica del confine varcato, questo aver casa non nell'equilibrio ma dell'ossimoro [...]*¹⁰ (Cassano 2005, p.41-42).

Muitas pessoas uigures, especialmente jovens, e muito mais após os confrontos armados de julho de 2009 (Cliff 2012), tentaram fugir de XUAR para buscar um futuro melhor fora da RPC; no entanto, a maioria das pessoas exiladas teve que deixar o país ilegalmente, devido a recentes restrições impostas pelo governo.

Alguns, de famílias com dinheiro, foram para os Estados Unidos, outros para a Europa, para a Austrália ... Eles conseguiram escapar, pelo menos podiam pedir um passaporte. Mas desde o ano passado [2016] todos os passaportes foram confiscados, ninguém pode fugir. Todos os passaportes são retirados pelo governo chinês (Entrevistado 3, notas de campo).

Da mesma forma, as diferenças de classe influenciam fortemente o escopo das oportunidades de sobrevivência das pessoas uigures. As classes mais desfavorecidas, devido à sua incapacidade de solicitar passaportes e vistos, são excluídas de todos os tipos de deslocamento legal, aumentando os problemas e os possíveis confrontos com o poder.

Quando eu nasci, meu pai estava na prisão, por razões políticas. Quando eu tinha nove anos, ele foi libertado da prisão e, depois de um ano ... não, depois de dois anos fugimos para o Afeganistão. Atravessamos as montanhas, as fronteiras do Afeganistão e nos refugiamos no Afeganistão. Foi em 1971. [...] Foi uma jornada muito longa. Com burros, caminhando pela Cordilheira do Pamir, porque não havia outro meio de transporte. Após um mês de caminhada, finalmente vimos alguém, seres humanos, no Afeganistão. Não víamos nenhum ser humano há um mês (Entrevistado 4, notas de campo).

⁹ "Nação de origem" na língua uigur

¹⁰ “partida não para fugir, mas ter confiança no *nostos* (retorno), mas também o contrário, estar em outro lugar quando você estiver em casa, [...] uma doença, a solução possível, essa gramática dupla e antinômica da fronteira atravessada, este ter uma casa não em equilíbrio, mas do oxímoro”.

No exílio, várias organizações não governamentais foram formadas para continuar a lutar pela visibilidade da questão uigur e pela reivindicação do fim dos crimes contra os direitos humanos e contra a humanidade perpetrados pela RPC. O *World Uyghur Congress*, estabelecido em 16 de abril de 2004 em Munique, Alemanha, se esforça para promover a democracia, os direitos humanos e a liberdade para o povo Uigur por meios pacíficos, não violentos e democráticos, a fim de determinar seu futuro político. Da mesma forma, e junto com o *Uyghur Human Rights Project*, *Campaign for Uyghurs*, a *Uyghur American Association* e mais organizações nos Estados Unidos, eles trabalham para ajudar às pessoas uigures exiliadas, que conseguem fugir da RPC. Muito importante é a seção uigur de *Radio Free Asia*, que ao longo dos anos publicou notícias e investigações denunciando as condições de vida dos uigures na RPC e os testemunhos de exilados, relatando as histórias das famílias às que deixaram no XUAR e como — se — eles continuam vivos (RFA, 2018).

Meu marido quase não tem relações com sua família na China. Sim, é por isso que tenho tanto medo de contar minha história, pelo que pode acontecer com eles. Meu marido conversa com a mãe mais ou menos uma vez por mês. Seu irmão está "desaparecido" há algum tempo; Minha hipótese é que ele estava em um daqueles campos de reeducação porque tinha um irmão em [...]¹¹; Ele apareceu recentemente nos enviando seus papéis do divórcio. Ele continua morando com sua esposa... possivelmente é apenas uma medida burocrática para evitar envolver sua esposa em seus problemas com o governo (Entrevistada 5, notas de campo).

COLONIALIDADE DO PODER, DO SABER E DO SER

Hoje, a China é uma das potências mais relevantes no panorama geopolítico mundial. A XUAR é a primeira região da população muçulmana na RPC e é considerada o foco dos maiores ataques de agitação e segurança do país, devido a movimentos separatistas dos que uma minúscula parte da população indígena faz parte. No entanto, parece realmente relevante destacar que o terrorismo não é o problema, apesar do pequeno número de incidentes em 2013-14. Há agitação na XUAR, e dissidência, principalmente dirigida às autoridades, aos representantes do estado. A RPC não está realmente tentando erradicar o terrorismo. É a identidade uigur independente que eles almejam.

O governo central começou, cada vez mais insistentemente, especialmente desde 2001 — aproveitando o clima internacional de luta contra o terrorismo gerado em nível global em resposta aos ataques fundamentalistas ao World Trade Center em Nova York e ao Pentágono — uma série de medidas antiterroristas, cujo objetivo em termos práticos demonstrou limitar a liberdade pessoal, de identidade e religiosa do povo uigur, com o resultado de exercer maior controle e poder sobre a terra em que historicamente habitam — rica em recursos naturais, essenciais para o crescimento econômico

¹¹ Opto por omitir a localização atual do marido do informante.

do país e que estão em uma posição geoestratégica fundamental para a dimensão da Ásia Central da política e do comércio chinês.

Para localizar a região de XUAR geograficamente, ela está localizada no extremo noroeste da China, representa uma vasta área —1,66 milhão km², cerca de 1/6 da superfície total do país— escassamente povoada - cerca de 20 milhões de habitantes (Chaudhuri 2010, p.14)—, e consiste essencialmente de depressões áridas e montanhas muito altas. O nome chinês imposto, como já anotamos, significa "Nova Fronteira", e essa descrição reflete o afastamento dessa região do leste da China, que historicamente tem sido palco de poder das sucessivas dinastias e, a partir de 1949, do governo do PCC. De facto, a região possui cerca de 5.600 km de fronteira compartilhada com a Mongólia, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Afeganistão, Paquistão e Índia. Para a população uigur, a região é conhecida como *Sharqi Turkistan* —Turquestão Oriental—, enquanto o nome XUAR “*only came into use among educated Chinese early in the eighteenth century, and [...] Xinjiang was not made a province of the empire until 1884*” (Clarke 2007, p.261). A importância estratégica do XUAR é indubitável, seja por causa de sua posição geoestratégica, que faz da região um ponto de contato entre a China e outros países da Ásia Central, seja por causa de seus recursos; antes do final da China dinástica, a economia de XUAR era baseada principalmente na agricultura, que nas últimas décadas da dinastia Qing teve avanços importantes em termos de máquinas, comercialização e desenvolvimento de atividades manufatureiras conectadas —algodão e seda e sua subsequente exportação, especialmente para a Rússia e a Grã-Bretanha. Obviamente, porém, os tumultos que se seguiram à queda do último imperador, ao estabelecimento da República da China e à subsequente guerra civil entre GMD e PCC, interromperam ou pelo menos retardaram o processo de desenvolvimento econômico da região; as infra-estruturas criadas foram, em muitos casos, destruídas, e a região se viu em meio a conflitos de natureza política, não apenas entre as partes internas da China, mas nas quais intervieram potências estrangeiras, em primeiro lugar a URSS, que desde o início exercia uma forte influência no XUAR.

Nesse sentido, vale a pena permanecer brevemente em alguns aspectos importantes do tipo de desenvolvimento econômico regional realizado pelo governo chinês. A RPC é, como é evidente a partir de sua própria conformação, um sistema continental que inclui um grande número de práticas sociais e culturais. É claro que, portanto, para favorecer o desenvolvimento econômico nacional que inclui todas as regiões e criar uma certa homogeneidade entre elas, o Estado deve ter uma estratégia para o desenvolvimento que legitima a mudança acelerada da estrutura econômica da província, e isso também envolve os próprios empresários locais. A política e o Estado, portanto, deveriam ser uma parte essencial do processo de desenvolvimento regional e, no entanto, “*resaltar el significado de la cultura de modo*

regional puede, aunque a largo plazo, resultar de gran utilidad para comprender la dinámica del estado y de la sociedad' (Goodman 2007, p.32).

No entanto, tudo isso está subjacente às miragens da modernidade capitalista implantada no território. Pois bem, a situação atual em XUAR pode ser considerada um conflito socioambiental pelos seguintes motivos: (1) A divisão econômica entre as populações chinesas han e uigur, no norte e sul da região, é também uma divisão entre economias comerciais urbanas e agrícolas; (2) A estratégia de desenvolvimento da PRC concentra-se na urbanização; No entanto, na região de XUAR, o sul, em grande parte povoado por uigures, foi largamente deixado de fora do desenvolvimento urbano promovido no norte; Em áreas urbanizadas no sul, esse processo é controlado por organizações predominantemente han: o *Bingtuan*¹² (Corpo de Construção de Produção), em cujas colônias a população uigur é excluída dos lucros comerciais e industriais. (3) XUAR é uma região com um déficit hídrico sistêmico e perspectivas terríveis nas próximas décadas, à medida que a mudança climática derrete as geleiras de cujo degelo a região depende atualmente (Olivieri e Ortega Santos, 2020).

Apesar das garantias constitucionais de liberdade linguística e cultural para as nacionalidades minoritárias, no entanto, o governo de fato impôs a institucionalização da língua chinesa não apenas na educação, mas também no emprego, forçando os uigures a se posicionarem em a classe média chinesa a ser competitiva e sobreviver no mercado de trabalho e no ambiente urbano (Smith Finley 2013, p.266). Essa estratégia, no entanto, pode —e deve— ser lida como parte de um programa político que poderíamos chamar de "colonialismo interno" no país, pois foi acompanhado não apenas pela extração maciça de recursos naturais, mas também pelo que pode ser definido. definir como extração metabólica de recursos humanos. Como consequência da imposição da cultura estatal chinesa —idioma, patrimônio cultural, história oficial— acima da uigur, o resultado dessas políticas é, de fato, o epistemicídio da cultura uigur (Santos 2010; Smith Finley 2013).

Hoje, a região de XUAR tem cerca de 23.000 mesquitas e o Islã continua sendo um dos pilares da vida social, econômica e privada do povo uigur (Smith Finley 2013, p.101). As leis e restrições alimentares, impostas pelo Alcorão, são amplamente observadas nas comunidades uigures, constituindo uma parte importante de seus padrões de identidade e reivindicações. Além disso, a política do governo também envolveu medidas restritivas sobre a liberdade e práticas religiosas que impactaram a identidade uigur e ajudaram a alimentar um renascimento islâmico na região. Essa reativação é considerada, por especialistas como, por exemplo, Jo Smith Finley (2013), como um tipo de fenômeno

¹² *Xinjiang shengchan jianshe bingtuan* - 新疆生产建设兵团, é uma colônia militar-agrícola fundada em 1954 com a responsabilidade de “desenvolver áreas devastadas e defender a fronteira”. Para aprofundar o papel desses órgãos de produção, Cfr. Cliff T 2009. Neo Oasis: The Xinjiang Bingtuan in the Twenty-first Century. *Asian Study Review* 33(1):83-106.

de reação, que se baseia nas raízes históricas e culturais do povo uigur, e é imposta como um elemento islâmico distintivo de sua identidade.

Uma resposta dentro da própria comunidade uigur foi a criação de imagens estereotipadas dos Han para fazer a diferença entre "população não muçulmana" e aqueles que seguem as regras islâmicas. Eles foram identificados como "animais *Harām*" —um grande insulto para os uigures— por causa de sua dieta alimentar; “Sujo”, devido aos seus diferentes padrões de higiene; “Pouco educado”, devido ao costume dos alunos de emitir flatulência, cuspir ou assoar o conteúdo do nariz no chão em espaços públicos (Smith Finley 2013, p.101-107).

No entanto, o estabelecimento pelo governo chinês de uma narrativa sobre os "muçulmanos" e a ênfase na natureza religiosa das reivindicações, que são de fato políticas e econômicas para o povo uigur, criam um problema "islâmico"; a partir de 2008, alguns dos eventos violentos que ocorreram no XUAR, por serem dirigidos contra civis e seus supostos motivos religiosos, poderiam ter raízes comuns no terrorismo jihadista (Millward 2019, p.28). Ainda assim, a participação de grupos restritos de uma população em grupos violentos não legitima medidas repressivas contra uma população de mais de 20 milhões de indivíduos.

Enquanto isso, a violência de políticas restritivas à liberdade religiosa e cultural gera a radicalização dos sinais de identidade religiosa na população. Um exemplo prático dessas políticas repressivas é visto na atual repressão religiosa que, ainda hoje, o Estado aplica —em muitos casos violentamente— contra a nacionalidade uigur minoritária. Um aspecto disso se relaciona ao festival do *Ramaḍān*, que é comemorado pelas gentes muçulmanas na China e no resto do mundo e representa um dos festivais mais importantes. Há alguns anos, as comunidades uigures reclamam de uma atitude cada vez mais repressiva do Estado em relação a ele. O governo proíbe que funcionários muçulmanos, estudantes e cidadãos de XUAR respeitem o período de jejum. Isso é feito através de comunicações oficiais —isto é, proibições— ou ações que impedem o desenvolvimento normal de atividades religiosas; por exemplo, fechar os estabelecimentos de alimentação durante as horas noturnas, quando o jejum do Ramadan é suspenso (Floracruz 2015, p.4-5). Além disso, outros exemplos de medidas restritivas do governo para manifestações religiosas da identidade uigure incluem o fato de que *“authorities frequently require religious groups to submit texts for examination before they may be used for worship, [as well as] regional regulations forbidding mosque attendance for those under 18 years old”* (RFA 2010).

O estágio em que o PCC se encontra hoje, em sua transformação em direção a uma sociedade plenamente detida, implica uma necessária demonização da religião. Os fatores políticos que formam a base dos tumultos e movimentos de independência —tanto na XUAR quanto no Tibete, por

exemplo— são ignorados, enquanto ênfase especial é dada, nos comunicados estatais e na mídia oficial, sobre como a religião constitui-se como um elemento anti-pan-chinês, destruindo o ideal de harmonia nacional promovido pelo governo. Um discurso distribuído como uma gravação de áudio on-line em outubro de 2017 pela Liga da Juventude Comunista de Xinjiang, aparentemente com a intenção de tranquilizar os uigures, abraçou totalmente a metáfora médica (Millward 2019).

If we do not eradicate religious extremism at its roots, the violent terrorist incidents will grow and spread all over like an incurable malignant tumor. Although a certain number of people who have been indoctrinated with extremist ideology have not committed any crimes, they are already infected by the disease. There is always a risk that the illness will manifest itself at any moment, which would cause serious harm to the public. That is why they must be admitted to a re-education hospital in time to treat and cleanse the virus from their brain and restore their normal mind. We must be clear that going into a re-education hospital for treatment is not a way of forcibly arresting people and locking them up for punishment, it is an act that is part of a comprehensive rescue mission to save them.

A comunidade uigur vê nessas medidas uma provocação cujo único resultado é um aumento nas —já importantes— tensões que existem entre a maioria e a nacionalidade muçulmana. E isso, por sua vez, produz um maior sentimento de separação dos uigures e um fortalecimento de sua identidade muçulmana.

O povo muçulmano na China se tornou parte da paisagem da região de XUAR, com seus trajes folclóricos, mesquitas e música tradicional.

É tudo uma fachada. Eles apenas fazem isso para mostrar aos chineses e estrangeiros que existem uigures felizes, cantando e dançando, que amam o governo comunista chinês e aceitam suas regras de braços abertos (Entrevistado 1, notas de campo).

Não é difícil encontrar seus negócios típicos, seus locais de culto nas cidades e nas áreas rurais. Também fazem parte das mudanças sociais que sofreram no século atual, devido ao desenvolvimento econômico e principalmente à exploração dos recursos naturais e humanos que a RPC impôs ao território XUAR, promovendo a passagem de uma cultura puramente rural autóctone a uma gentrificação do território e a uma divisão perversa dos recursos naturais. Esse fato, por sua vez, motivou a hibridação e submissão das culturas regionais originais, por meio de políticas de subalternização e proibição dos pilares originais da cultura uigur e de outras nacionalidades minoritárias que habitam a área, além de problemas de transculturização. e ilegalização das visões de mundo e epistemes originais. Nesse caso específico, isso deu lugar a uma série de medidas de identidade e repressão étnica, que em muitos casos forçaram faixas significativas de população ao exílio político, a quem foi negada a possibilidade de viver na terra que eles reivindicam;

Assim que saí, meu irmão foi preso; ele era dono de um cybercafé. Não tivemos notícias dele até duas semanas depois, descobrimos que ele estava preso em um campo de detenção em Urumqi. Eles fecharam a escola onde ela trabalhava, acusando-a de espalhar ideologias ocidentais. Não pude voltar. Meu irmão preso, minha escola fechada. Se eu tivesse voltado, eles também teriam me detido. Eu tive que começar do zero. Não era ninguém. Você se torna um ninguém e precisa sofrer todos os tipos de abuso por pessoas ignorantes. Comecei a trabalhar em uma loja e meu chefe, uma velha japonesa que não era ninguém para mim, me chamou de *Baka-san*. Eu não era um idiota (Entrevistado 6, notas de campo).

ou, à perda de suas próprias terras nas mãos dos planos de colonialismo do estado, que favorecem as migrações controladas de grandes grupos populacionais com maioria na região, a fim de modernizar e desenvolver um amplo território tecnologicamente e economicamente atrasado (Becquelin 2004).

*Finché gli homines prodotti dalle altre culture saranno considerati soltanto stadi intermedi sulla via del raggiungimento dell' homo currens, sarà perfettamente normale che i perdenti non accettino di stringere la mano a coloro che hanno imposto il gioco nel quale vincono sempre*¹³ (Cassano, 2005, p. 62).

Sempre que falamos de problemas com imigrantes, tendemos a pensar no “primeiro mundo”, com seus grupos xenofóbicos e ultra-nacionalistas. E, no entanto, é importante influenciar a perpetuação das políticas de exclusão programática implementadas por atores que geralmente não representam o núcleo da pesquisa atual.

No caso da XUAR, é importante sublinhar o

mechanisms by which the state has attempted to incorporate the territory of Xinjiang and the deeper endeavour to incorporate the non-Han peoples of the region into the ‘unitary, multi-ethnic’ Chinese state. It emerges from this discussion that in the first respect— incorporation of territory—the state has been successful. In the second respect, although the Chinese state has managed the tensions arising from its governance of the peoples of Xinjiang, the question of the ultimate incorporation of these people remains unresolved (Clarke 2007, p.262).

A própria questão das denominações geográficas representa um dos fatores dignos de nota, como mencionado acima. Até meados do século XX, isto é, aproximadamente até a fundação da RPC, o nome do ambiente natural e oásis na região condicionou não apenas os mecanismos de autopercepção das comunidades indígenas, mas também a visão de pessoas de fora, que costumava identificar toda a região circundante com o nome do oásis (Bellér-Hann 2008). Além disso, esses oásis costumavam incluir assentamentos urbanos e rurais; e cada nome era acompanhado por um epíteto, normalmente de origem lingüística árabe e/ou persa, que retornava a idéia de uma “*essentially Islamic*

¹³ “Enquanto os *homines* produzidos por outras culturas forem considerados apenas estágios intermediários no caminho para alcançar o *homo currens*, será perfeitamente normal que os perdedores não concordem em dar um aperto de mão com aqueles que impuseram o jogo em que sempre vencem”.

landscape” (Bellér-Hann 2008, p.40), demonstrando a forte predominância da religião do profeta Muhammad na área, e como um sinal de identidade da população indígena, que reivindicou —e reivindica— sua religião como original e indígena, em oposição à identidade chinesa/han que lhes foi imposta com a conquista e anexação à China. A construção coletiva da história dos povos indígenas está intimamente ligada à presença de santuários a figuras ilustres do passado em todo o território, como elemento constitutivo de sua identidade, porque “*nulla unisce un gruppo più della celebrazione dei propri caduti*”¹⁴ (Cassano 2005, p.53), e em contraste com o "estrangeiro". A história, portanto, transcende a origem étnica e se baseia de maneira móvel nas viagens dos peregrinos que visitaram os santuários, formando uma identidade Altishahriana/oásica permeável (Thum 2014).

Como mencionado, historicamente, a inclusão do Turquestão Oriental dentro dos limites do Estado-Nação Chinês tem sido um processo não sem dificuldades; políticas governamentais repressivas na região, que incluíram a migração maciça de comunidades de nacionalidades para a área, uma assimilação cultural forçada, discriminação étnica e limitações contínuas e até violentas às liberdades religiosas (Kanat 2012, p.515) favoreceram a criação de uma atmosfera de separação entre as duas populações, bem como um sentimento de rejeição por alguns “outros ontológicos” percebidos como inimigos: “Não estou dizendo que todos os chineses são ruins. Mas nem quero vê-los” (Entrevistada 7, anotações de campo).

Eu morava longe da minha mãe, do meu pai, por causa de suas atividades políticas e porque ele estava na prisão, eu cresci com meu tio. Mas foi uma experiência muito ruim. Mesmo na escola, nas ruas, éramos... racializados. Para os Han, mas também para nossos vizinhos. Porque todos sofreram lavagem cerebral pela política e, no final, consideraram você uma pessoa que merecia ser espancada, humilhada e discriminada. Eu mesmo tive dificuldade em aceitar meu pai. Eu tinha nove anos quando ele apareceu, ele saiu da cadeia e um dia ele vem e diz "este é seu pai". Eu não o chamei de "pai" —*dada*, na língua uigur-, chamei-o pelo nome (Entrevistado 3, notas de campo).

As pessoas uigures, por tanto,

have encountered some rather significant problems in their respective processes of social integration. For example, based on long and distinct histories, cultures and lifestyles that have shaped their respective behaviours, thought-ways and national memories, their attributes remain considerably different from the more ‘accepted/formal’ ones of the majority society (Qarluq & McMillen 2011, p.2-3).

O que é indubitável é a enorme importância geoestratégica que a região teve ao longo dos últimos séculos e as repercussões que seus recursos naturais e humanos geraram, em sua relação com os estados vizinhos.

¹⁴ “nada une um grupo mais do que a celebração de seus mortos”.

Do ponto de vista estratégico, o XUAR representa um imenso recurso geopolítico, pois, como mencionado acima, faz fronteira com treze países, e a diversidade étnica que reúne em seu território compartilha características culturais com as populações de muitos deles.

Xinjiang's traditional urban economy was based on oasis farming activities and trading. More recent development, particularly that associated with the immigration of Han Chinese, has been based on the development of new industries, many associated with extractive industries such as oil refining. The latter has led to a much larger share of secondary sector workers in the urban economies of the cities, especially those in the Junggar Basin north of the Tian Shan (Pannell & Lawrence 1997, p.215).

Isso deixa em aberto uma série de questões e aspectos interessantes que devem ser mais investigados: primeiro, de uma perspectiva ambiental e ecológica, é essencial monitorar a situação e estabelecer planos que sirvam para evitar desastres naturais. Mas, do ponto de vista sociopolítico, é necessário revelar os mecanismos de gentrificação e má gestão do ambiente natural e humano, como consequência das políticas extrativistas da matriz colonial, que causam a desertificação não apenas física, mas humana e epistemológica, causando o conhecimento e as práticas tradicionais desaparecerem diante das necessidades de uma estrutura capitalista (Ortega Santos and Olivieri 2016).

Porque nos anos cinquenta, quando os chineses chegaram, quando viram os uigures, era como se tivessem visto você. Existem uigures que se parecem com você. Era como "Epa!, Mas eles são estrangeiros". Então eles viram as montanhas nevadas, elas não têm isso na China. A terra parecia estrangeira, o povo parecia estrangeiro, mas o governo deles lhes disse que era a China. Eles ficaram surpresos. Não, isso não é a China. E agora, há chineses por toda parte, as cidades parecem cidades chinesas ... Agora elas se sentem confortáveis. Os colonizadores. Os colonos (Entrevistado 2, notas de campo).

REFLEXÕES CONCLUSIVAS DA DESCOLONIALIDADE

Este artigo tentou refletir sobre as políticas subalternizantes do governo do PCC em uma zona periferalizada da RPC, investigando suas origens no nível historiográfico e ideológico, enfatizando a natureza colonial e extrativista de algumas medidas invisíveis e proibicionistas em relação às características de identidade do povo uigur.

O silêncio programático a que os uigures foram submetidos ao longo da história e os processos —em muitos casos violentos— que sofreram pela realização do plano político do governo, em diferentes estágios da história política da China, representou a hipótese inicial para este estudo.

Todos os autores analisados, assim como as pessoas entrevistadas, concordam em afirmar que o governo chinês deve considerar fortemente o fator étnico e cultural ao aplicar políticas econômicas nas diferentes regiões, o que é especialmente válido no caso do XUAR. Por um lado, os sucessos econômicos têm sido evidentes e louváveis; por outro, as desigualdades sociais, as políticas de fragmentação social e os conflitos daí gerados tornam o desenvolvimento da região longe de ser real e total, e que a atitude do governo central em relação ao XUAR é a de um poder colonizador que explora os recursos naturais e humanos de uma área, construindo as infra-estruturas estritamente necessárias para a viabilidade de um desenvolvimento industrial, empregando mão de obra especializada da “metrópole” —nesse caso, a população han— e esmagar ou pelo menos restringir as liberdades das populações indígenas.

Desde 2017, espalham-se notícias sobre a abertura de supostos campos políticos em áreas remotas do XUAR, onde milhares de uigures estão sendo deportados¹⁵ —oficialmente— para esses “*vocational education and employment training centers*” (Millward 2019, p.3) pode alienar sujeitos potencialmente envolvidos em atividades “extremistas” e promover “*other ‘measures’ to counter ‘extremism’*” (Millward 2019, p.3). As preocupações do estado decorrem da suposta crença de que organizações terroristas reconhecidas globalmente, como a Al-Qa'eda e, mais recentemente, o ISIS, expressaram sua intenção de incluir o povo uigur e seu território em um projeto islâmico mais amplo, em escala global, chegando a declarar seu plano de anexar o XUAR ao califado islâmico (Floracruz 2014; Famularo 2015). No entanto, as medidas chamadas de antiterroristas, como mencionadas anteriormente neste artigo, fazem parte de um plano político mais amplo de controle regional e supressão de movimentos de independência étnica e nacional promovidos pela população indígena de XUAR, e eles não levam em conta que “*such calls for the strict Islamization of Xinjiang society are anathema to Uyghurs and other local minorities, who are moderate, syncretic Muslims*” (Famularo 2015, p.1).

A coexistência forçada —embora segregada, na maioria dos casos— dos uigures com a maioria dos han nas últimas décadas deu origem à formação de múltiplas identidades híbridas e a novas formas de se conhecer e reconhecer como uigures, bem como a uma Renovação islâmica e retorno a raízes mais profundas de identidade ligadas à religião; Apesar do fato de o Estado continuar perpetuando narrativas violentas e difundir imagens distorcidas dos religiosos pertencentes ao povo uigur, o Islã foi configurado, na identidade uigur, como uma forma de reexistência local e oposição à opressão exercida pelas políticas epistemicidas e subalternizantes do Estado-nação chinês; responde ao

¹⁵ O Relatório sobre as atividades do PRC em XUAR, escrito pela *Campaign for Uyghurs*, fornece dados chocantes sobre o número de pessoas detidas e mecanismos de “treinamento”. Cf. Campaign for Uyghurs 2020. *China’s genocide in East Turkestan. The Genocide of Uyghurs by Definition of the United Nation Convention on Genocide Prevention*. 2020 Jul [cited 2020 Sep 1]. Available from: <https://campaignforuyghurs.org/wp-content/uploads/2020/07/Genocide-Report-English-1.pdf>

fracasso das medidas de desenvolvimento e modernização impostas pelo governo, que quebram a dinâmica tradicional da comunidade de gerenciamento e conhecimento de recursos, impondo leis hierárquicas e separações étnicas/ontológicas assimétricas; é imposto como elemento de renovação e união nacional, diante da derrota que as aspirações nacionalistas sofreram com o estado chinês (Smith Finley 2013, p,236).

Pois “*l’atto più universalistico e coerente del nostro universalismo dovrebbe consistere nel riconoscere le proprie patologie e la propria parzialità*”¹⁶ (Cassano 2005, p.75), a partir da experiência de pesquisa, percebemos uma série de limitações com a que teríamos que lidar ao tentar responder às perguntas iniciais da pesquisa; a perspectiva do exílio retorna um olhar menos restrito e forçado; As histórias dos sobreviventes são construídas em torno de eixos que nutrem não apenas um espaço acadêmico, mas constituem sua própria entidade neste estudo: a migração é entendida a partir de um conceito de corpos com sentimentos e emoções, subalternizados pelo sistema; a violência que esses corpos recebem, religião, morte, adquirem aqui uma dimensão física e ontológica que se reflete em todas as histórias de vida, nos olhares e cicatrizes das pessoas entrevistadas, em suas vozes e lágrimas.

Si los productos de la Academia se miden en aportaciones de papel, aquí tienen uno de ellos. Y sin embargo, tienen en sus manos el resultado no simplemente de unas investigaciones: están sujetando sueños, ilusiones, amarguras, derrotas, vidas, cosmovisiones; están manejando la mirada específica de todas y cada una de las personas que nos acompañaron en este proyecto, y están consumiendo los frutos de los buenos vivires compartidos (Olivieri & Ortega Santos 2018).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agamben G 1990. La comunità che viene. Einaudi Editore, Torino.
- Becquelin N 2004. Staged Development in Xinjiang. The China Quarterly 178:358-378.
- Bellér-Hann I 2008. Community Matters in Xinjiang 1880-1949. Towards a Historical Anthropology of the Uyghur. Brill, Leiden.
- Bellér-Hann I 1997. The peasant condition in Xinjiang. The Journal of Peasant Studies 25(1):87-112.
- Cabral A 2011. Libertação nacional e cultura. In M Ribeiro Sanches M. Malhas que os Impérios tecem Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Edições 70, Lisboa, p. 355-375.
- Cassano F 2005. Il pensiero meridiano. Editori Laterza, Bari.
- Castro-Gómez S, Grosfoguel R 2007. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Siglo del Hombre Editores, Bogotá.

¹⁶ “o ato mais universalista e coerente de nosso universalismo deve consistir em reconhecer suas patologias e sua parcialidade”.

Chaudjuri D 2010. *Minority Economy in Xinjiang – A Source of Uyghur Resentment*. *China Report* 46(1):9-27.

Chomsky N 2016. *¿Quién domina el mundo?* Penguin Random House, Madrid.

Clarke M 2007. The Problematic Progress of ‘Integration ’in the Chinese State's Approach to Xinjiang, 1759 – 2005. *Asian Ethnicity* 8(3):261-289.

Cliff T 2012. The Partnership of Stability in Xinjiang: State-Society Interactions Following the July 2009 Unrest. *The China Journal* 68:79-105.

Famularo J. Chinese Religious Regulations in the Xinjiang Uyghur Autonomous Region: A Veiled Threat to Turkic Muslims? Project 2049 Institute. 2015 Apr 8 [cited 2020 May 6]. Available from: <https://project2049.net/2015/04/08/chinese-religious-regulations-in-the-xinjiang-uyghur-autonomous-region-a-veiled-threat-to-turkic-muslims/> .

Floracruz M. Al Qaeda Wants Xinjiang In The Islamic Caliphate—But Uighur Leaders Say No. *International Business Times*. 2014 Oct 22 [cited 2020 May 28]. Available from: <http://www.ibtimes.com/al-qaeda-wants-xinjiang-islamic-caliphate-uighur-leaders-say-no-1710279> .

Floracruz M. Ramadan 2015: Fasting Banned In China For Muslim Government Employees, Students And Teachers. *International Business Times*. 2015 Jun 25 [cited 2020 May 28]. Available from: <https://www.ibtimes.com/ramadan-2015-fasting-banned-china-muslim-government-employees-students-teachers-1975294>

Goodman DSG 2007. Narrativas del cambio: Cultura y desarrollo económico regional. *CONfines de Relaciones Internacionales y Ciencia Política* 3(5):19-34.

Harris R. Bulldozing mosques: the latest tactic in China’s war against Uighur culture. *The Guardian*. 2019 Apr 7 [cited 2020 May 6]. Available from: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2019/apr/07/bulldozing-mosques-china-war-uighur-culture-xinjiang>

Kanat KB 2012. “War on Terror” as a Diversionary Strategy: Personifying Minorities as Terrorists in the People's Republic of China. *Journal of Muslim Minority Affairs* 32(4):507-527.

Leibold J 2007. *Reconfiguring Chinese Nationalism: How the Qing Frontier and Its Indigenes Became Chinese*. Palgrave Macmillan, New York.

Millward JA 1998. *Beyond the Pass. Economy, Ethnicity, and Empire in Qing Central Asia, 1759-1864*. Stanford University Press, Stanford.

Millward JA 2018. *Old World Geoschemes, Past and Present, and the Belt and Road Initiative as Sino-Silk Roadist Remapping of Afro-Eurasia*. Unpublished observations.

Millward JA. ‘Reeducating ’Xinjiang’s Muslims. *The New York Review of Books*. 2019 Feb 7 [cited 2020 May 6]. Available from: <https://www.nybooks.com/articles/2019/02/07/reeducating-xinjiangs-muslims/>

Olivieri C, Ortega Santos A 2018. *Decolonizando Identidades. Pertenencia y Rechazo de/desde el Sur Global*. Instituto de Migraciones de la Universidad de Granada, Granada.

Olivieri C, Ortega Santos A 2020. Not only Deserts, Not Only Oases. Territorial Identities in Baja California (Mexico) and Xinjiang (China) in the Contemporary Age”. *Global Humanities* 5(7):27-43.

Olivieri C. Asia. Dicionário Alice. 2019 Apr [cited 2020 May 6] Available from: https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24598.

Ortega Santos A, Olivieri C 2016. Miradas coloniales vs. decoloniales a los conflictos y resistencias ambientales para el mundo actual. In AG Zarrilli. *Para una historia ambiental Latinoamericana Aportes para el estudio de la sociedad y la naturaleza en la era del Antropoceno*. Teseso, Buenos Aires, p. 55-95.

Pannell CW, Lawrence JCM 1997. Urban Transition and Interstate Relations in a Dynamic Post-Soviet Borderland: The Xinjiang Uyghur Autonomous Region of China. *Post-Soviet Geography and Economics* 38:206-229.

Qarluq AiJ, McMillen DH 2011. Towards a ‘Harmonious Society’? a brief case study of the post-Liberation settlement in Beijing of Uyghur intellectuals and their relations with the majority society. *Asian Ethnicity* 12(1):1-31.

RFA. Muslim Face New Curbs. 2010 May 26 [cited 2020 May 6]. Available from: <https://www.rfa.org/english/news/uyghur/directive-05252010175508.html>

RFA. The Families Left Behind: RFA's Uyghur Reporters Tell the Stories of Their Family Members' Detentions. 2018 [cited 2020 May 28]. Available from: <https://www.rfa.org/english/news/special/uyghurfamilies/>

Said EW 2002. *Reflections on Exile and Other Essays*. Harvard University Press, Cambridge.

Santos BdS 2010. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Ediciones Trilce, Montevideo.

Smith Finley JN 2013. *The Art of Symbolic Resistance: Uyghur Identities and Uyghur-Han Relations in Contemporary Xinjiang*. Brill, Leiden.

Spivak GC 2001. *Other Asias*. Blackwell Publishing, Oxford.

Steinmetz G 2014. The Sociology of Empires, Colonies, and Postcolonialism. *Annual Review of Sociology* 40:77-103.

Thum R 2014. *The Sacred Routes of Uyghur History*. Harvard University Press, Cambridge.

Colonial China: Voices from the Uigur Diaspora

ABSTRACT

The aim of this article is to reflect, from a decolonial perspective, and from the life histories of the exiled Uyghur communities, on the mechanisms of coloniality of power, knowledge and being and the appropriation of natural and human resources that the central government of People's Republic of China (PRC) applies to the Xinjiang Uyghur Autonomous Region (XUAR). Through a

problematization of the imposed categories, we will try to reflect on the Chinese Communist Party (CCP) government over the PRC, investigating their origins at a historiographical and ideological level, emphasizing the colonial and extractive nature of some invisible and prohibitionist measures in relation to identity characteristics of the Uyghur people. 'The survivors' stories are built around axes that nourish not only an academic space, but constitute their own entity in this study: migration is understood from the concept of bodies with feelings and emotions, subordinated by the system; the violence that these bodies receive, religion, death, acquire here a physical and ontological dimension that is reflected in all the life stories, in the looks and scars of the people interviewed, in their voices and tears.

Keywords: China; Xinjiang; Uyghurs; Decolonial thought; Oral History.

Submissão: 16/05/2020

Aceite: 14/09/2020